

O Carlos Chagas que eu vi (Crônica sentimental sobre o grande cientista) *

Risoleta Maciel Brandão

Embora o seu elevado cargo, suas medalhas e títulos honoríficos, nem por isso deixava de ser humano. De acessibilidade e amenidade de trato consistia uma das face-tas desse belo caráter.

Veio atento à pessoazinha que Adélio lhe apresentava: – “Esta é minha irmã – “Irmã!” Sorriu e, no tom carinhoso do adulto quanto se vê na obrigação de agradar um ente insignificante, puxou conversa. Das primeiras palavras não me recordo. Todavia, daquela “Vamos para o Rio de Janeiro comigo?”, jamais esqueci. A delicadeza do convite fez o coração acelerar de contente. E sorrindo, de pertinho, me encarava. Virgem, e se ele falasse que eu fui mordida de barbeiro? Todos nós colegas do 4.º Ano Misto, nos achávamos em “suspense”. A notícia que rolava era de que, a ele, bastava um golpe de vista para conhecer o paciente afetado. No seu sorriso-brandura pousou, de leve, a mão na cabeça da menina. Ainda bem que eu não tinha piolhos. Realmente, aquela sumida-de não cogitava de tal parasito, sua cisma era com os barbeiros. Esturdeza de sábio! Meter-se pelos socavões do Oeste, sujeito a toda sorte de peripécia, expondo-se a fadigas e desconfortos, revirando céus e terras atrás de um rele inseto. Mas é que o dito coisinha à-toa, antes classificado de inofensivo, não passava de um maligno hematófago (ordem hemíptero), contaminador do mal em suas entranhas, causador de milhares de mortes. E ali estava a autoridade máxima, na auréola de seu saber, a fim de comprovar a veracidade do fato: CARLOS RIBEIRO JUSTINIANO DAS CHAGAS, uma inteligência, uma índole laboriosa e tenaz, um estudioso que buscava o bem comum. A 22 de abril de 1909, no novo apogeu da mocidade (29 anos), doava à ciência o fruto de suas persistentes e extenuantes pesquisas. A concretização de seus trabalhos vinha provar à humanidade que a terrível moléstia difundida em diversas regiões da América do Sul, ceifando tantas vidas, devia exclusivamente a sua origem à picada do barbeiro. E, não obstante, a mais tarde denominada “Doença de Chagas”, em sua homenagem—até hoje considerada incurável – graças ao amor à nobre causa do insigne brasileiro, pôde tornar-se evitada, na fonte, com o extermínio do inseto transmissor.

Carlos Chagas, diretor da saúde pública nacional, consagrado cientista, mundialmente reverenciado, acumulava diplomas, condecorações e prêmios a ele conferidos pelos governos e entidades particulares, do País e nações estrangeiras. Honrarias ao mérito dado o inestimável valor de sua maravilhosa descoberta; sua eficiência e assiduidade na diretoria do Instituto de Maguinhos e devotamento, coroado de êxito, à frente das campanhas antimalárias em Santos, (SP) no Vale do Rio das Velhas, (MG) na Amazônia e à epidemia da Gripe Espanhola no Rio de Janeiro. Com tudo isso, em oratório de marfim, fechado por taramelas de ouro, conservava o dom precioso de sua reconhecida modéstia.

Sem ostentação, sem alardes, naquela manhã de 25 de novembro de 1923, caminhando pela sala de aula, levava o olhar ativo à turma, respeitosa e silente, cada qual,

* Publicado originalmente no jornal *Estado de Minas*, em 28 de janeiro de 1981.

de pé, ao lado da carteira. Chamou-lhe a atenção uma aluna de quem se aproximou e, baixando-lhe as pálpebras, discretamente indagou ao Adélio se ela residia em casa caída. Obtendo a confirmação, deu de ombros, alegre, num breve comentário: – “Cor natural de pele um pouco pálida” (Pele-pálida vive saudável até o presente). Encerrada a curta visita – iria ver as outras salas – disse adeus à classe.

Cumprimentou a nossa mestra dona Josefina e, assim como chegou, saiu, ágil, ligeiro no andar, acompanhado de seus auxiliares, de Adélio e do Prof. Modesto, diretor do Grupo Escolar “Marcolino de Barros”, único estabelecimento de ensino na pequenina Patos, a atual Patos de Minas.

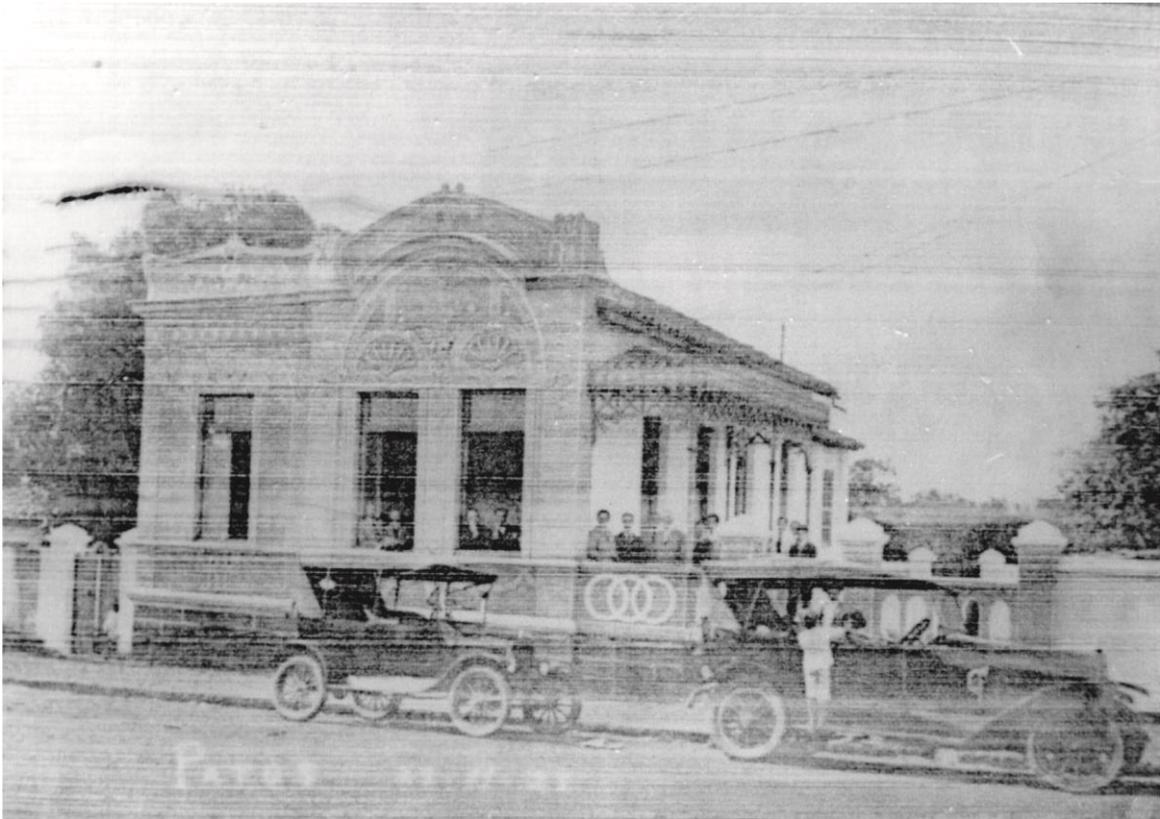


Foto tirada no momento da chegada de Carlos Chagas e colegas à casa de Dr. Adélio Maciel, em 23 de novembro de 1923.

No dia imediato, meus pais experimentaram a grata satisfação de recebê-lo em nossa casa. A ele, Carlos Chagas, e os outros três personagens, os mesmos que estiveram na Escola. Nessa eventualidade, a família, formalizada, compareceu à sala de visitas; exceto a caçula. Apesar de crescida, Mamãe entendia que menino, bicho atravessado, não tinha cabida numa roda de gente civilizada. Mormente em se tratando de doutores de tão alta circunstância. Não houve dúvida, não. Através das frestas das portas eu conseguia abranger todo o cenário com os principais protagonistas do ato. Escutei Adélio nas apresentações: “– Minha mãe... meus irmãos...” Quanto ao papai já conheci-am, pois ele fora presença na chegada da ilustre comitiva à cidade.

O ambiente cerimonioso, dos primeiros instantes, logo cedeu lugar a uma franca e recíproca cordialidade. Não fugindo ao tradicional costume de nossos avós, uma das filhas do dono da casa, Rosa, mocinha expedita, é quem trouxe o café: o eterno Deus-te-salve na hospitalidade do lar mineiro. Luziam a bandeja de asas, as xícaras de porcelana chinesa, as colherinhas de prata, com o gostoso açúcar mascavo moreno e fofinho no açucareiro bojudado e a aromática rubiácea pelando de quente na cafeteira de estimação.

A prosa generalizava-se. Os meus queridos ouviam com a maior deferência a palavra abalizada dos benvindos forasteiros. Doutores laureados pela Escola de Medicina do Rio de Janeiro, facultativos de renome – cavalheiros, na finura de uma aprimorada educação e, segundo a moda masculina em voga, na sobriedade do trajar: tempo de casemira, gravata, colarinho e punhos engomados, abotoaduras de ouro, botinas de pelica. Os chapéus ficaram na sala de entrada.

CARLOS CHAGAS: 44 anos, estatura mediana, feições regulares, olhos escuros; na sua simpatia pessoal, irradiava bondade; na magnitude do gênio, inspirava veneração.

Mestre, na excelência de um admirável talento, dignificou a Cátedra na sua Escola do Rio de Janeiro. Nascido a nove de julho de 1879, teve por berço a fazenda do Bom Retiro – propriedade paterna – no Município de Oliveira (MG).

SAMUEL LIBÂNIO: 41 anos, olhos verdes e bem postos; era professor da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, clínico e figura proeminente na Capital Mineira, na sua condição de diretor de Higiene Pública do Estado, desde 1917. Nascera em Pouso Alegre, Sul de Minas.

OTAVIO MAGALHÃES: 33 anos, bigodes curtos e retorcidos, cabeleira farta; lembrava Osvaldo Cruz. De pouca altura e muitas aptidões, esse carioca de nascimento, em Belo Horizonte, se distribuía em suas múltiplas atividades: cientista, sanitarista, caçador de micróbios, etc., professor catedrático da referida Faculdade e assistia numerosa clientela. Como diretor do Instituto Ezequiel Dias, publicou notáveis tratados científicos.

JOÃO PENIDO FILHO: meia idade, alto, robusto (sem ser gordo), usava cavanhaque e gravata borboleta. Clínico e grande benemérito de Juiz de Fora, sua terra, aí exerceu em dois triênios os mandatos de presidente da Câmara e agente executivo municipal. Republicano e deputado, representou Minas na Câmara Federal.

Falaram de assuntos variados e entraram no campo de interesse: barbeiro, o prato do dia. Seguro de seus conhecimentos sobre o então vasto município de Patos e vizinhanças, atendendo o Dr. Carlos Chagas, meu pai enumerou os sítios infestados do inseto. Citou, outrossim, os mais castigados pelo impaludismo: terrenos maleitosos às margens do Rio Paracatu e seus afluentes ribeirões do Manabuiu e Taboca (Zona Paracatu), onde a Seção campeava impiedosa, minando organismos, aniquilando existências. Até os papudos vieram à baila. Mamãe pediu a opinião do Dr. Samuel sobre a causa do papo. Bócio, deformidade comuníssima que estragava a estética do indivíduo nas paragens sertanejas daqueles Gerais. Seria areia na água? Diacho! Não pude captar a resposta do higienista. Ele falava baixo, pautado, calmo como que procurando as palavras convincentes...

Outros lares abriram suas salas, a fim de receber os digníssimos senhores. Primeiro, quiseram conhecer avó Flaviana Maciel. Vó velhinha, curtindo saudades de seu primogênito; ele Olegário, lá longe, no Palácio da Liberdade, dirigindo os destinos de Minas. Aproveitando da bondade do prof. Otavio Magalhães, Adélio levou-o novamente à casa de avó Flaviana para encanar o braço quebrado da prima Zenóbia. A garota despençou do galho de uma mangueira, no quintal. Havia nos excursionistas uma alegria sã, uma boa vontade em servir, em agradar. E foi nesse estado de espírito que Carlos Chagas acompanhou Adélio até a chácara de tia Nhá Maciel, na finalidade de examinar Nhazita. Um caso gravíssimo – salvo engano, de meningite – que preocupava meu irmão médico e ele nutria plena confiança no diagnóstico, no olho-clínico do famoso cientista. Ademais, sua simples presença seria para a jovem enferma e família uma esperança, um raio de sol a brilhar no casarão entristecido. Entre as autoridades que visitaram Carlos Chagas, anotamos o Vigário da Paróquia, o Cônego Manuel Fleury Curado (depois Monsenhor). Na residência do cirurgião Dr. Eufrazio, o Dr. Penido, nos requintes de homem de sociedade, beijou a mão da idosa sogra do anfitrião, gesto que a surpreendeu, comentando depois: “Nunca vi gente madura tomar a bênção”.

Entretanto, o sentido de Carlos Chagas estava nas meias-águas dos bairros pobres, Várzea e beira da Lagoa: moradias de paredes barreadas, propícias ao esconderijo de barbeiros. Segundo afirma Dolor Borges, um dos médicos que assessorou o desco-

bridor quando chegava para a inspeção. Já sua equipe de serventes – guiada por um empregado da Câmara local – munida de ferramentas adequadas, havia cavado as tais paredes e retirado das cavidades punhados do inseto. Mansos, que fazia dó! Fiassem naquela mansidão e lerdade... De hábito noturno, os malfazejos continuam a passar o dia quietinhos, inertes, à espera do escuro. Aí, sim. Agir nas trevas! Sorrateiros, sugar – de preferência as bochechas de um adormecido, sem que ele perceba a picada. Felizmente, nem todos estão contaminados para transmitir a doença. Na falta do ser humano, qualquer mamífero lhes apetece, contando que lhes satisfaça a sede sanguínea. Vampiros duma figa! Apelidam de “Chupão” este agente etiológico da endemia chagásica, portador do protozário de nome *Trypanosoma cruzi* – homenagem a Osvaldo Cruz. E pensar que Carlos Chagas – paciência de Jó – acomodava-os em caixinhas de madeira, de diferentes cores, certamente, separando espécies ou idades.

Sobre o tema em questão e outras moléstias tropicais, o herói desta história discorreu numa interessante palestra, na casa onde se hospedara. Uma conferência para homens responsáveis, os quais, sumamente honrados pela distinção do convite, aplaudiram o conferencista. Ali se achavam, além de seus auxiliares, as autoridades, os amigos, familiares de Adélio e da esposa e, em destaque, os esculápios da cidade: doutores em borla e capelo – esmeralda reluzindo cravejada de brilhantes no indicador. Tratava-se de Eufrásio José Rodrigues, João Borges, Dolor Borges e Adélio Dias Maciel. A exceção do primeiro, baiano, formado pela Faculdade da Bahia, os três patenses realizaram seus estudos e defenderam tese – merecendo excelentes notas – na mencionada Escola de Medicina do Rio de Janeiro. Viam-se ainda nesta seleta reunião os farmacêuticos diplomados, nossos primos, Agenor Maciel e João Gualberto Amorim Jr. Todos esses assistiram os visitantes durante a sua estada (cinco dias) na cidade.

A ida de Carlos Chagas a Patos verificou-se a convite de Adélio. Claro que, com o Tio Olegário na governança do Estado, tudo facilitou para esta viagem de inspeção aos serviços de saneamento e profilaxia rural da região. (Olegário esteve na presidência de 12.9.1923 a 7.4.1924 e mais duas vezes, como substituto legal do presidente Raul Soares; este, sob prescrição médica, em repouso, numa estância hidromineral do Sul de Minas).

Na sua categoria de presidente da Câmara Municipal, agente executivo e deputado à Assembléia Legislativa, Adélio andou abaixo-acima, fiscalizando os preparativos a fim de receber condignamente os seus convidados. Aliás, todas as vezes que anunciavam a ida de alguém de importância, era um deus-nos-acuda! O hotel e a pensão, únicas hospedarias no lugar, não dispunham de acomodações convenientes pra alojar gente de seca. E, desta feita, meu irmão optou por deixar o seu teto à disposição dos hóspedes e, como Yayá, foi ficar conosco. A casa deles, conquanto singela, era uma recente construção, de alpendre de lado; e Yayá, casada de pouco, apesar de muito jovem, valendo-se da orientação e cooperação de suas irmãs, ajeitou tudo a contento, no prazer de estrear como mulher de político.

Cinqüenta e cinco anos se interpõem entre esses acontecimentos e agora, no entanto, certos pormenores ressurgem claros, nítidos, quase palpáveis. A menina, competente, cautelosa, conduzindo os castiçais e recados da mamãe. Na verdade, as lâmpadas elétricas resplandesciam em Patos desde 1915; contudo, Mamãe não dispensava os antigos processos de iluminação. “– Num vê. Ninguém deve fiar nessas invenções modernas. Quando menos se espera arma uma tempestade e a luz apaga”... Daí a precaução de aconselhar à nora que pusesse no criado-mudo de cada quarto a vela e a caixinha de fósforos. Desimpedida da incumbência, a mandalete não perdeu vaza de assuntar as novidades nos cômodos, minuciosamente arranjados, pois seus ocupantes não tardavam. Pé ante pé, a abelhuda embarafustou-se pela casa adentro, explorando salas e quartos, brunidos, arrumados a capricho; e fascinada, penetrou no aposento destinado a Carlos Chagas. Silêncio! Pairava no ar algo de estranho, de sublime, que ela não sabia definir. Tudo ali respirava harmonia. Suspenso do teto descia o cortinado de renda, o laço de fita azul cerrando as beiras daquele manto de neve que protegia o largo leito, em cambraias. Sobre o mármore da “toilette” o jarro de água e bacia de prata brilhavam com as pequenas peças do aparelho dispostas em simetria e rescendendo a suave per-

fume de sabonete “Reuter”, na saboneteira de cristal. Toalhinhas bordadas em organdi suíço guarneciam os móveis e, para contrabalançar a delicadeza do conjunto, pondo um toque de masculinidade, pesado e austero, aprumava-se o guarda-casaca de espelho. Chique demais! Daí vai a cheireta espiar a despensa. Os doces de mamãe, figos, mangabas e limões-galegos, verdinhos e mimosos, boiavam na transparência das caldas nas compoteiras; e a gostosa manteiga fabricada em nossa fazenda, nas lonjuras do sertão. Por seu lado, faziam fartura, o açúcar-de-forma, claro e seco, o delicioso requeijão tostado, os queijos, especialidades da fazenda do pai de Yayá. Na cozinha, de fogão a lenha, duas afamadas cozinheiras e uma menina azafamavam-se na culinária. Eram os doces, pudins, manjares, sequilhos, quitandas e, de antemão, ideando o cardápio das refeições: os almoços e jantares do frango-cheio, do tutu de feijão, do lombo de porco assado no espeto... Ainda, a serviço, havia um moço ladino, um tal de Zé Tintureiro, padeiro convertido em “garçon” e “valet de chambre”.

Eu não poderia esquecer da matilha do Dr. Penido; seis exemplares trazidos pelos vigias, já arranchados e acorrentados na coberta do terreiro. Uns cochilando, outros emproados; e todos eles em matizada doida, se farejavam um gato em cima dos muros, um urubu, aos pulinhos, ali se arriscando, na fiúza de catar restos de comida. É sabido que o personagem de Juiz de Fora foi à caça; e que, a fim de lhe servir de guia no esporte favorito, meu pai mandou chamar um sujeito treinado e de arrojo, por nome de Joaquim da Ana. Que o Dr. Otávio Magalhães compartilhou das sensações nas brenhas, ouvi dizer. Porém, se mataram animais de maior porte, eu não saberia contar. Naquela época, povoavam as nossas matas, campos e cerrados, uma infinidade de bichos selvagens: perdizes, codornas, pacas, antas, veados, caetetus, iraras, capivaras, lontras e raposas, coelhos, lobos vorazes, onças vermelhas e pintadas.

Anos mais tarde, a 3 de abril de 1933, Adélio, então deputado federal, acompanhando tio Olegário numa viagem a Juiz de Fora, – Olegário Maciel, presidente do Estado escolhera aquela cidade para o encontro com o presidente Getulio Vargas, que vinha a Minas a fim de, juntos, em acordo, resolverem assuntos da alta política, sobre as eleições de 1934 e outros–, foi recebido pelo dr. Penido de braços abertos. Distinguindo-o entre os maiorais da política, o ex-parlamentar, sempre grato pela hospitalidade em Patos, cumulou-o de gentilezas. Levou-o a sua residência senhorial, uma suntuosa mansão rodeada de extensos e belos jardins. Adélio caiu das nuvens ante aquela riqueza, ele, que oferecera a simplicidade de modestas acomodações. A surpresa atingiu ao auge, quando percorreram o canil. Ótimas instalações com sala mobiliada e na parede um grande mapa do “pedigree” dos cães: pura-raça, de longa linhagem, avós, pentavós, hexavós, até decavós nos países europeus. E no emaranhado desses galhos pintalgavam os seis perdigueiros, que, em Patos, tiveram por abrigo uma tosca cobertura de telhas e chão de terra poenta. De regresso, meu irmão, humilhado, confessou a esposa: “- Yayá, a casa dos cachorros do Dr. Penido é muito melhor do que a nossa...”

Voltemos a novembro de 1923. Enquanto os dois caçadores, de espingardas a tiracolo, embrenhavam-se nas profundezas das matas ou varavam capoeiras, Carlos Chagas, no seu “hobby”, com Samuel Libânio e Adélio, caçava barbeiros. Chusmas deles foram encontrados nas habitações dispersas, bibocas no Vale do Ribeirão das Três Barras,– glebas da Cachoeira e Sertãozinho, fazendas pertencentes ao pai de Yayá (Sertãozinho, a partir de 1937 tornou-se “Estação Experimental do Ministério da Agricultura”). De volta das tais “viajinhas”, feitas de automóvel e a cavalo, o pesquisador não demonstrava o mínimo sinal de enfado ou cansaço. Onde buscava resistência para tamanha capacidade de ação?!

Foi na manhã de 27 de novembro de 1923, que partiu a distinta caravana. Adélio e os médicos da cidade acompanharam-no até além da ponte e ali se deram as despedidas: os clássicos agradecimentos de parte a parte, os adeuses. Três dias depois, 30 de novembro, em Belo Horizonte, o “Minas Gerais” noticiava: “Regressou ontem, de noturno, para o Rio de Janeiro, o Sr. Dr. Carlos Chagas, diretor... O ilustre cientista, que se achava em viagem de excursão pelo Estado, teve embarque...”

Graças à interferência do eminente personagem, a 19 de março de 1924, instalava-se o “Posto de Profilaxia Rural” em Patos.

A casa que o agasalhou nesta cidade continua em perfeita conservação, na rua Olegário Maciel, 452. Uma foto batida no momento da chegada, Carlos Chagas e auxiliares, no alpendre ladeados de cidadãos da comunidade patense, constitui um documento de valor histórico.

O que mais eu poderia dizer a respeito desse luminar da ciência? A 8 de novembro de 1934, no Rio de Janeiro, encerrou a sua peregrinação terrena, deixando um vazio no mundo dos tratados, das descobertas e nos corações amigos. E sua memória ficou em nossa mente como o fulgor de um astro: luzeiro que cruzou o espaço em órbita de aspereza, entrelaçada nos festões da glória.